

FILOLOGIA, ARQUIVOLOGIA E HISTÓRIA CULTURAL: SABERES EM INTERAÇÃO

Rosa Borges (Universidade Federal da Bahia)
Débora de Souza (Universidade Federal da Bahia)

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Almejamos, neste trabalho, desenvolver uma leitura crítica acerca da interação entre os saberes da Filologia/Crítica Textual, Arquivologia e História Cultural, no estudo dos documentos que integram os acervos de João Augusto (1928-1979), Ildásio Tavares (1940-2010), Lúcia Di Sanctis/Lúcia Maria Dias dos Santos (1946-2013) e Nivalda Silva Costa (1952-2016), os quais constituem o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA).

Nesse estudo, considerando as peculiaridades dos acervos em questão, realizamos atividades de pesquisa, consulta e digitalização de documentos em diferentes instituições de guarda; análise do material reunido e constituição de dossiês; catalogação dos documentos por séries e subséries, conforme organização proposta para os acervos do ATTC pela Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), coordenada pela Profa. Dra. Rosa Borges (ILUFBA); elaboração de ficha-catálogo, com breve descrição e resumo, sobretudo para os textos teatrais, documentos da imprensa e documentos da Censura; descrição e transcrição de testemunhos²⁴³; edição e crítica filológica dos textos selecionados.

²⁴³ Testemunhos (T), na filologia, são os suportes que transmitem o texto/a obra.

A partir do estudo dos documentos/monumentos que constituem os supracitados acervos do(a)s pesquisadores(as), dramaturgo(a)s, diretores(as), no período de 1960 a 1990, buscamos desenvolver algumas reflexões, tomando-se em conta perspectivas interdisciplinares em diálogo. O documento/monumento é estudado pelo filólogo-editor em sua materialidade histórica e social, considerando as marcas que nele se registram. Podemos, desse modo, contribuir no que tange ao processo de (re)construção da história e atualização da memória do teatro na Bahia.

2 SABERES EM INTERAÇÃO: FILOLOGIA, ARQUIVOLOGIA E HISTÓRIA CULTURAL

A Filologia se ocupa da edição e crítica filológica de textos e, dessa forma, compromete-se, por meio da atividade editorial, em dar aos leitores de hoje acesso aos textos de outros tempos, introduzindo-os em novo circuito de leitura. A prática filológica sempre se desenvolveu dentro de uma lógica disciplinar interativa, assim, outros saberes fazem-se necessários para que se cumpram os propósitos do editor-filólogo.

Neste trabalho, faremos algumas reflexões a partir da relação entre a Filologia, Arquivologia e História Cultural. O que as três áreas de conhecimento têm em comum é a perspectiva do documento como monumento e os arquivos como lugar de memória e de representação de determinada cultura em dado período e lugar. A Arquivística, na relação com a Filologia, colabora com os gestos de organizar, preservar e dar acesso a documentos que servem de material de estudo para o filólogo – os textos. A História Cultural, por sua vez, colabora no que tange à atividade de construção da história dos textos, entendidos como objetos materiais e culturais, no estudo das práticas de (re)escrita e (re)leitura, na compreensão das instâncias sociopolíticas que atravessam as produções e os sujeitos.

Os documentos com os quais trabalhamos, textos teatrais produzidos no período da ditadura militar na Bahia (1964-1985), integram os acervos de dramaturgo(a)s que dão a conhecer a história e a dramaturgia daquele período. Trabalhamos com arquivos provenientes de instituições várias, reunindo tais documentos em um arquivo digital que estamos organizando, com a intenção de torná-lo disponível ao público interessado. Traremos, assim, algumas informações a propósito dos acervos de João Augusto, Ildásio Tavares, Lúcia Di Sanctis e Nivalda Costa. A partir da massa documental relativa aos textos teatrais organizada, conforme quadro de arranjo, passamos a expor sobre cada um(a) do(a)s dramaturgo(a)s aqui mencionados. Nestes documentos, podemos identificar sujeitos múltiplos, homens e mulheres de muitos papeis, com uma

atuação bastante expressiva em um período de muitas dificuldades para a arte brasileira, mas de resistência e luta nos anos de chumbo da ditadura.

O ATTC, organizado por membros da ETTC, guarda em ambiente digital cópias digitalizadas de textos teatrais produzidos no período da ditadura na Bahia, em sua maioria, e no Brasil. Traz matérias de jornais, que tratam sobre teatro e censura, e documentação censória, obtida através da Coordenação Regional (COREG) do Arquivo Nacional do Distrito Federal (AN-DF), Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) – Textos Teatrais. Integram ainda o ATTC documentos provenientes de arquivos pessoais, que nos foram cedidos em cópias fotográficas ou digitalizadas e até alguns originais por pessoas entrevistadas.²⁴⁴ No Lugares de Memória, há outro acervo, o de Ildásio Tavares, formado por textos teatrais, poemas, contos, romances e textos jornalísticos, além de ensaios, traduções, resenhas, publicações em matérias de jornal, revistas e livros, material de ensino, artigos, textos acadêmicos e científicos, cartas, discursos.

Para organização dos materiais dos acervos de escritores e dramaturgos baianos, a prática arquivística contribuiu sobremaneira com todo o aparato para a classificação e inventariação dos documentos, distinguindo-os em grupos, conforme as séries e subséries, codificando-os, formando os dossiês para estudo, possibilitando o acesso aos mesmos. Os textos foram digitalizados e, para eles, prepararam-se resumos e descrições que constam da ficha-catálogo. Foram também elaboradas fichas-catálogo para as matérias de jornal e para a documentação censória. Cada documento do ATTC, em cada um de seus acervos, foi classificado por séries: 01 Produção intelectual, 02 Publicações na imprensa e em diversas mídias, 03 Documentação censória, 04 Esboços, notas e rascunhos, 05 Documentação audiovisuais e digitais, 06 Correspondência, 07 *Memorabilia*, 08 Adaptações e traduções, 09 Estudos, 10 *Varia* (SANTOS, 2018, p. 107; BORGES, 2021b, p.33).

João Augusto Sérgio de Azevedo Filho (1928-1979), conhecido como João Augusto, nasceu no Rio de Janeiro, viveu e produziu na Bahia de 1956 a 1979. Foi dramaturgo, professor de teatro, ator, diretor, letrista, tradutor, colunista. Foi professor na Escola de Teatro da Universidade da Bahia (ETUB), fundada em 1956, a convite de Martin Gonçalves. Assumiu também “funções em órgãos governamentais, como o Serviço Nacional de Teatro e a Fundação Teatro Castro Alves” e “[a]ssinou uma coluna semanal de teatro no jornal A Tarde” (MEIRELLES, 2003, p. 4; 5). Seu acervo é um dos maiores no

²⁴⁴ As entrevistas também fazem parte do ATTC.

ATTC e tem sido objeto de nossa investigação desde o ano de 2006 (BORGES, 2021a).²⁴⁵

Ildásio Tavares (1940-2010) foi tradutor, professor, letrista, ensaísta, poeta, contista, romancista, dramaturgo, colunista, Obá de Xangô no terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá. No Acervo Ildásio Tavares (AIT), listam-se seis textos dramáticos, se considerarmos que três deles integram um conjunto de textos, (1) *Medo*: Três peças em um ato (escritos 1967): *A volta/morte do agregado*, *Medo* e *Funeral doméstico*, submetidos à Censura em 1976, encenados no mesmo ano e publicados em 2004. Na sequência, temos (2) *Caramuru*, texto submetido à Censura em 1975, encenado em 1978 e publicado em 2004; (3) *O Barão de Santo Amaro*²⁴⁶, datado de 6 de abril de 1976 a 26 de julho de 1977; (4) *Mulher de roxo* (1987); (5) *O vendedor de joias* (1987) e (6) *Lídia de Oxum*: uma ópera negra²⁴⁷ ([1987]; 1995). Destes, estão publicados na Coleção Dramaturgia da Bahia (TAVARES, 2004): *Lídia de Oxum*, *Homem e Mulher* (*A morte do agregado*, *Medo* e *Funeral doméstico*), *Mulher de Roxo*, *Caramuru* e *O Vendedor de Jóias*²⁴⁸.

Lúcia Di Sanctis (1946-2013) foi atriz, diretora, dramaturga, autora, adaptadora, produtora e professora. Após atuar como atriz, diretora e assistente de direção em espetáculos teatrais, na década de 1960, estreou na cena baiana como dramaturga com a peça teatral *A formiguinha professora* (1969) e, ao longo da década de 1970, criou, adaptou e produziu diversos textos/espetáculos para o teatro infantil. Em meados de 1968, fundou o Grupo de Teatro Negro da Bahia (TENBA) e, posteriormente, criou um grupo de estudos sobre folclore e candomblé, base para desenvolver representações teatrais com estudantes da rede estadual de ensino (RIBEIRO, 2021, informação verbal)²⁴⁹. No Acervo Lúcia Di Sanctis (ALS) constam, até o momento, textos teatrais, documentos do processo de Censura e matérias de jornal provenientes do Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia (NAEXB), da COREG-AN-DF(DCDP) e da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

²⁴⁵ No período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020, a pesquisadora Rosa Borges realizou o pós-doutorado na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), sob a supervisão da Profa. Dra. Belem Clark de Lara, desenvolvendo um estudo crítico-filológico do texto teatral *Quincas Berro d'Água*, adaptado da novela de Jorge Amado por João Augusto.

²⁴⁶ Texto de teatro retomado em 1987 por Ildásio Tavares para transformá-lo na ópera *Lídia de Oxum*, conforme depoimento do autor, gravado por Filipe Cavalieri (TAVARES, 2010). Conferir site: <https://www.youtube.com/watch?v=SSzC8YQPrxI>.

²⁴⁷ O texto do libreto traz a data de publicação pela Fundação Casa de Jorge Amado: 1995, porém, em depoimento de Tavares (2010), o texto fora produzido em 1987, originando-se da transformação de *O Barão de Santo Amaro* em *Lídia de Oxum*.

²⁴⁸ Na capa do livro, os títulos se apresentam nesta ordem.

²⁴⁹ Informação obtida em entrevista concedida por Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro, em 27 de maio 2021, à pesquisadora Débora de Souza, em Salvador.

Nivalda Costa (1952-2016) foi escritora, dramaturga, diretora, assistente de direção, atriz, antropóloga, intelectual, professora, coordenadora pedagógica, assessora de comunicação social e produtora executiva. Atuou no teatro, na literatura e na televisão, em centros e instituições socioeducativas e culturais do estado da Bahia, participando ativamente da Sociedade Amigos da Cultura Afro-Brasileira, sobretudo, na implantação do Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira e dos projetos *Diálogos Afro-Brasileiros*, *Éres do Museu* e *Reconstruindo o Quilombo*. No Acervo Nivalda Costa (ANC) reunimos mais de trezentos documentos, dentre esses, textos teatrais, documentos da Censura, da imprensa e do espetáculo, provenientes de diferentes instituições de guarda, principalmente do NAEXB, do Arquivo Pessoal de Nivalda Costa e da COREG-AN-DF(DCDP).²⁵⁰

Na pesquisa filológica empreendida, tomamos arquivo como texto (MACNEIL, 2019), “figura epistemológica” (MARQUES, 2007), instância de produção de imagens de si (ARTIÈRES, 1998), construto sócio-político, prática de resistência (ARTIÈRES, 1998). Pensar arquivo como texto “[...] é colocar em primeiro plano sua natureza construída, bem como o processo de sua construção, isto é, as maneiras pelas quais uma rede de registros e seus relacionamentos são moldados e remodelados [...]” (MACNEIL, 2019, p. 179), ao longo dos anos, o que implica em reconhecermos os atos de construção e interpretação do pesquisador.

3 ESTUDO DE DOCUMENTOS/MONUMENTOS: PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES EM DIÁLOGO

Recortamos aqui alguns documentos para expor sobre os textos de teatro em seus diversos testemunhos e peculiaridades, examinando as vias e os modos particulares através dos quais se desenvolveram os processos de produção, circulação e recepção de cada texto, em suas diferentes versões, observando as intervenções dos autores selecionados, ao revisar, reescrever e modificar seu texto, bem como as de outros agentes que deixaram na materialidade textual as marcas de sua atuação, dentre outros aspectos que possam interessar ao estudo de tais textos.

Do Acervo João Augusto (AJA), dois dos oito testemunhos do *Quincas Berro d'Água* (QBA) trazem o registro de cortes e nomes das instituições por onde os textos da peça circularam: (i) **QBA72frag** (DCDP-AN): datiloscrito, 10 folhas, apenas as que trazem os cortes indicados pelos censores, assinalados e seguidos do carimbo com a inscrição “CORTES” às folhas 20, 21, 23, 24, 25,

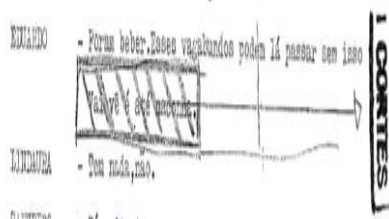
²⁵⁰ Nivalda Costa e sua obra são objeto de estudo da pesquisadora Débora de Souza (UFBA). Sua dramaturgia foi objeto de sua dissertação (SOUZA, 2012) e tese (SOUZA, 2019).

38, 49, 51, 59 e 65, todas elas rubricadas no ângulo superior direito. Texto datilografado no anverso, com numeração das folhas no ângulo superior direito. Trata-se de cópia xerográfica disponibilizada pela COREG-AN-DF(DCDP); (ii) **QBA75/[83]** (DCDP-AN): datiloscrito com 40 folhas: a primeira, sem numeração, traz na margem superior, centralizado, “SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC / DEPARTAMENTO REGIONAL DA BAHIA/DR/ DIVISÃO DE CULTURA – DC”, título **A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA**, destacado com sublinha dupla, informações sobre adaptação, número de atos (2), divisão em um prólogo e dez cenas (no texto, são 12 cenas), lugares onde a ação se desenrola, citação de Jorge Amado e outra de João Augusto, local e data “Bahia – Salvador – 1975”; à esquerda, na margem inferior, “SESC – Salvador – 1982 MM/”. As folhas seguintes são numeradas a partir do Prólogo, de -1- a -39-. Há carimbos em formato circular da **Soc(iedade) Brasileira de Autores Teatrais – Bahia (SBAT)**, na primeira e última folha, e da **Superintendência Regional da Bahia – D.P.F.**, ao centro, **Censura Federal**, da folha 1 a 39, ambos rubricados ao centro. Trata-se de cópia xerográfica disponibilizada pela COREG-AN-DF(DCDP) (Cf. Figura 1).

Figura 1 - Marcas do processo censório na materialidade dos textos
QBA72frag (DCDP-AN)

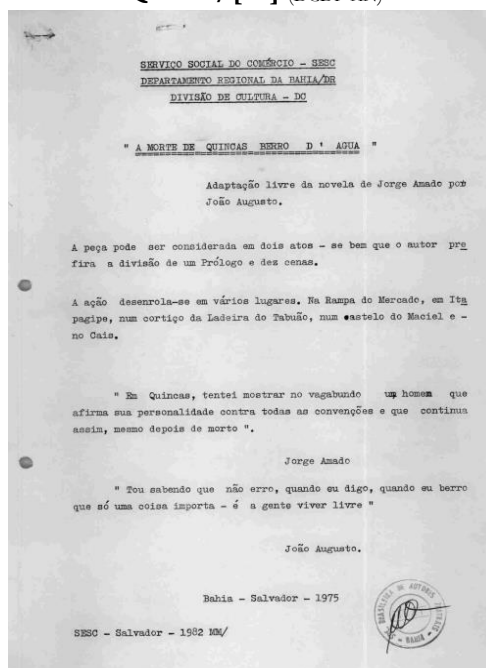


“RITA – <Vá beliscar as coxas da puta que pariu.>” (f.49)



“EDUARDO – Foram beber. Esses vagabundos podem lá passar

QBA75/[83] (DCDP-AN)



Carimbo da **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – Bahia**

sem isso? / <Vai vê é até maconha.>” (f.51)

CAIO - Calma, calma, Não tou querendo lesar ninguém. Bebe a -
sua vontade, Quincoas. A festa é mesmo
CURIO - Boa pinga .
QUINCAS - (cuspiu) Boa merda.
PÉ - Cadê a jia ? (vai ao caixão)
PAST - Se acalme, home - que susto !



Carimbo da **Superintendência Regional da Bahia – D.P.F, Censura Federal** (f.34)

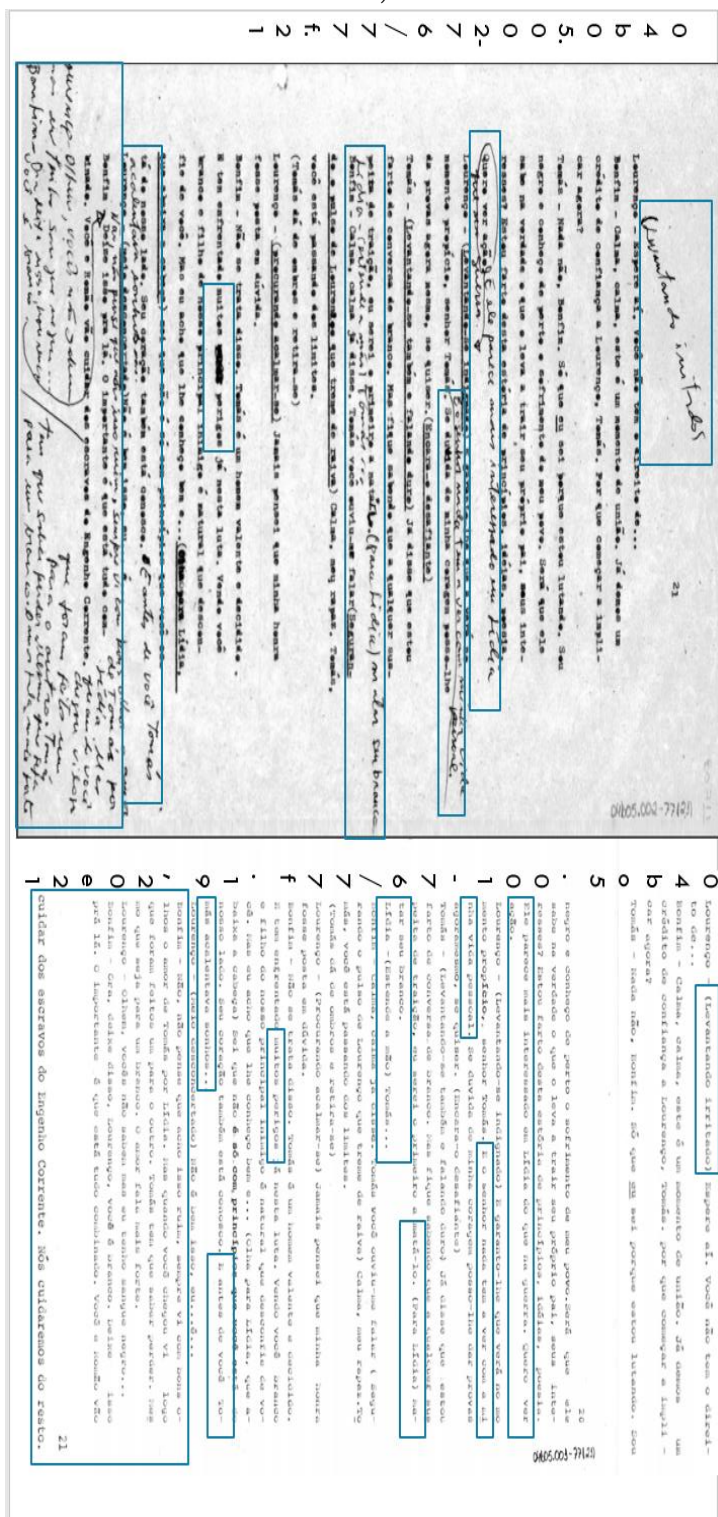
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os testemunhos do texto, examinados em seus aspectos material, histórico e cultural, veiculam em sua materialidade as ações de vários sujeitos, como João Augusto, Arivaldo Barata, Nilda Spencer, Passos Neto, as pessoas que datilografaram os textos correspondentes à versão de 1972, aquele encaminhado à Censura e o que se encontra arquivado no Teatro Vila Velha, e à versão de 1975, submetido à Censura Federal em 1983, além dos censores, como mostramos acima. A participação de cada um faz-se significativa nos processos que envolvem os textos e sua sociologia.

Do AIT, selecionamos os testemunhos de *O Barão de Santo Amaro*²⁵¹ para evidenciar algumas das modificações autorais realizadas. O texto também foi escrito no período ditadura, datado de 06 de abril de 1976 a 26 de julho de 1977 (datas que constam dos documentos). Apresenta-se em dois testemunhos, um deles, T1, com muitas rasuras, que foram aceitas em T2, texto passado a limpo, conforme se pode observar na Figura 2.

²⁵¹ Segundo Ildásio Tavares (2010), o texto desta peça foi retomado em 1987 e transformado no texto da ópera *Lídia de Oxum*.

Figura 2 - Rasuras em *O Barão de Santo Amaro* (TAVARES, 1976-1977a e 1976-1977b)



Fonte: Documentos do AIT no Lugares de Memória da UFBA.

Em relação ao ALS, selecionamos o texto *A formiguinha professora* (FP), de tradição plural, constituída por dois testemunhos: datado de 1969, produção datiloscrita, com 24 folhas, proveniente da COREG-AN-DF(DCDP), apresenta carimbo, em formato retangular, da **SBAT**, faz parte do processo censório da peça (FP69T1_(DCDP-AN)); (ii) datado de 1977, datiloscrito, à máquina elétrica, com 18 folhas, proveniente do NAEXB. Registra dois carimbos, um, em formato circular, da **SBAT**, em todas as folhas do documento, no ângulo inferior esquerdo, com a rubrica no interior, às folhas 1, 2 e 18, e, outro, da **DCDP – DPF**, em formato retangular, no ângulo superior direito, em todas as folhas. É uma das três vias do texto encaminhado para os órgãos de Censura (FP77T2_(NAEXB)). Em relação às intervenções autorais, destacamos modificações quanto a indicação do nome de personagem; substituição, supressão, acréscimo e/ou deslocamento de palavras e expressões; inversão de trechos; pontuação; distribuição de réplica; síntese de falas; escolha lexical etc. Quanto à revisão, ressaltam-se correções correspondentes a lapsos de grafia, datilografia e pontuação. Vejamos tais intervenções em alguns excertos no Quadro 1:

Quadro 1 - Intervenções autorais no texto *A formiguinha professora* (SANCTIS, 1969, 1977)

FP69T1 _(DCDP-AN)	FP77T2 _(NAEXB)
“MOSQUITO Então não é preciso nem pensar... o negócio é um, dois três vamos nós (entra a musica,. [sic] Enquanto eles estão procurando aparece a Baratinha no mesmo lugar da cena inicial, [sic] Para a plateia. Pra onde eles foram? (procura um pouco pela floresta quando um barulhinho [sic]). / Um espirro da Formiguinha Professôra)” (f. 2-3).	“MOSQUITO – Então, não é preciso nem pensar. O negócio é: um dois, três e vamos nós. (Entra música) (Enquanto procuram , aparece a Baratinha no mesmo lugar da cena inicial) Para a platéia: Para onde eles foram? (Procura um pouco pela floresta, quando ouve um barulhinho . É um espirro da Formiguinha)” (f. 2).
“BARATINHA Espere um pouco... Vou lhe apresentar o Grilo o Mosquitinho e o Gafanhôto (Começo a chamar o peesoal [sic]) Grilo... Gafanha Mosquitinho venham cá .. tenho novidades para vocês. (Qdo. ela está chamando, nota que eles estão atrás da arvore, onde ela guardou o	“ BARATA – Espere um pouco. Vou lhe apresentar: Grilo, Gafanha, Mosquitinho , venham cá, tenho novidade para vocês. (Quando está chamando, nota que eles estão atrás da árvore onde ela escondeu o dinheiro) O que vocês estão fazendo? (Os três

dinheiro) O que vocês estão fazendo aí? (neste momento os três mostram as cabeças e perguntam)” (f. 3).	mostram as cabeças e perguntam)” (f. 3).
“MOSQUITO (Tirando o corpo fora) Eeeeeuu.... não sei como é... só sei brincando, não é Grilo? GRILO EEu brinquei, mas não sei mais, acho que nem brincando. É muito difícil, não é Mosquitinho? Sabe Gafanha a gente fica ca [sic] muito cansado.” (f. 8).	“MOSQUITO – (Tirando o corpo fora) Eu..eu... não sei como é não, só sei brincando. É muito difícil, não é mesmo, Grilo? GRILO – Sabe, Gafanha, a gente fica cansado...” (f. 7).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Do ANC, tomamos o texto teatral *Vegetal vigiado*, de Nivalda Costa, em especial, os dois testemunhos que fazem parte do processo de Censura, datado de 1977, a saber: (i) **VV77T1**_(NAEXB), pertencente ao NAEXB, é um datiloscrito, em papel vegetal, com 10 folhas e 379 linhas. Este testemunho é uma das três vias do texto encaminhado à DCDP, para fins de exame censório (1977a). Registram-se dois carimbos, um, em formato retangular, no ângulo superior direito, da DCDP, com a sigla do D.P.F., outro, em formato circular, no ângulo inferior esquerdo, da SBAT, rubricados, ao centro, à tinta azul. Há também anotações manuscritas, dos técnicos, à folha 1, “3a via”, no ângulo superior direito, em tinta preta, e “BA”, circulado, em tinta azul; à folha 6, “ensaio geral”, junto à palavra “nu”, circulada. Às folhas 5 e 6, há trechos censurados destacados, à caneta esferográfica, em tinta azul, em formato retangular, e o carimbo “CORTE”; (ii) **VV77T2**_(DCDP-AN), reprodução datiloscrita, preservado na COREG-AN-DF(DCDP), parte integrante do processo censório da peça (1977b). Apresenta carimbo da SBAT, em formato circular, localizado no ângulo inferior, à esquerda, com a rubrica em seu interior, somente às folhas 01 e 10. Há, à mão, intervenções de dois técnicos, nas quais palavras, frases e períodos são destacados, além de apresentar a expressão “ensaio geral”. Às folhas 5 e 6, há trechos censurados, a palavra “corte” e o carimbo “CORTE”.

No Parecer censório da peça, os técnicos afirmaram que se “[...] pretende [...] protestar contra um certo tipo de opressão [...]” (PARECER..., 1977), indicaram passagens que deveriam ser avaliadas durante exame do ensaio geral, como casos de nudez de personagens, realizaram cortes às folhas 5 e 6 e sugeriram que a peça fosse “[...] liberada com a impropriedade máxima [dezoito anos], contudo, estritamente, condicionada ao ensaio geral”

(PARECER..., 1977). Durante o exame do ensaio geral, os técnicos realizaram inúmeros cortes, o que inviabilizou a encenação (COSTA, 2009).

4 CONCLUSÃO

A Filologia, área interdisciplinar que envolve atividades de leitura, interpretação e edição de textos, pode ser compreendida como exercício de leitura ética atravessado por instâncias sociais, políticas e culturais, no qual o pesquisador, filólogo, atua como intérprete e crítico, toma uma série de decisões em seus estudos, na articulação entre as dimensões acadêmica e sociopolítica. Ocupando-nos do estudo do texto, da língua e da cultura, buscamos dar a conhecer e a ler os textos teatrais em sua relação com os demais documentos reunidos em cada acervo. Para tanto, em rede, construímos um conhecimento quanto às práticas e aos processos de produção e transmissão de textos; aos contextos de circulação e recepção em que se desenvolveram/elaboraram os textos/espetáculos; aos sistemas de valores, sobretudo no que tange aos órgãos de Censura; e aos sujeitos, agentes sociais, artistas baianos e baianas e/ou pessoas que produziram na Bahia naquele momento.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- AUGUSTO [AZEVEDO FILHO], João. *A morte de Quincas Berro d'Água*. [Salvador], 1972, 10 folhas (fragmento).
- AUGUSTO [AZEVEDO FILHO], João. *A morte de Quincas Berro d'Água*. [Salvador], 1975[1983], 40 folhas.
- BORGES, Rosa. A dramaturgia de João Augusto por filólogos. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 24., 2021, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFil, v. 24, n. 3. p. 44-57, 2021a. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiv_CNLF/completos/a_dramaturgia_ROSA.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.
- BORGES, Rosa. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. In: BORGES, Rosa et al. *Edição do texto teatral na contemporaneidade: metodologias e críticas*. Salvador: Memória e Arte, 2021b. p.13-49. Disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.
- COSTA, Nivalda Silva. *Vegetal vigiado*. [Entrevista cedida a] Débora de Souza. Salvador, fev. 2009. 1 CD. Local: Sociedade Amigos da Cultura Afro-Brasileira—AMAFRO.

COSTA, Nivalda Silva. *Vegetal vigiado*. [Salvador], 1977a, 10 folhas.

COSTA, Nivalda Silva. *Vegetal vigiado*. [Salvador], 1977b, 10 folhas.

MACNEIL, Heather. Decifrando e interpretando os fundos arquivísticos e suas partes: uma análise comparativa da Crítica Textual e da Teoria do Arranjo Arquivístico. In: GILLIAND, Anne J.; MCKEMMISH, Sue; LAW, Andrew J. (org.). *Pesquisa no multiverso arquivístico*. Tradução de Ana Cristina Rodrigues. Salvador: Editora 9Bravos, 2019. v. 1. p. 151-186.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, jul./dez. 2007. Disponível em: www.pglettras.uerj.br. Acesso em: 20 abr. 2017.

MEIRELLES, Márcio. *João Augusto – Nosso contemporâneo*. Salvador, 21 ago. 2003. 15 p. Disponível em: https://www.academia.edu/3768839/JOÃO_AUGUSTO_-_NOSSO_CONTEMPORÂNEO. Acesso em: 26 jul. 2019.

PARECER n. 3617/77. Brasília, 22 ago. 1977.

RIBEIRO, Robério Marcelo Rodrigues. *Lúcia Di Sanctis*. [Entrevista cedida a] Débora de Souza. Salvador, 27 maio 2021.

SANCTIS, Lúcia Di. *A formiguinha professora*. [Salvador], 1969, 24 folhas.

SANCTIS, Lúcia Di. *A formiguinha professora*. [Salvador], 1977, 18 folhas.

SANTOS, Rosa Borges dos. Dramaturgia censurada em arquivo digital: acervos e edição. In: ALMEIDA, Isabela S. de; BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Rosa Borges dos. *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 103-130.

SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa*: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico. 2019. 449f + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>. Acesso em: 29 jul. 2019.

SOUZA, Débora de. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa*: processo de construção dos textos e edição. f. 251. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>. Acesso em: 18 nov. 2021.

TAVARES, Ildásio. *Ildásio Tavares comenta origem da Ópera Lídia de Oxum*. Rio de Janeiro, 2010. Depoimento gravado por Filipe Cavalieri no ano de 2010, em Copacabana – RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSzC8YQPrxI>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TAVARES, Ildásio. *O Barão de Santo Amaro*. [Salvador], 1976-1977a, 29 folhas.

TAVARES, Ildásio. *O Barão de Santo Amaro*. [Salvador], 1976-1977b, 29 folhas.